

Resumo Neste texto, analisam-se os percursos de entrada das mulheres nos lugares de saber e de poder, equacionando alguns contributos feministas. Em seguida, faz-se uma avaliação da natureza da igualdade, alegando-se que, durante muito tempo, esta correspondeu a uma tentativa de adequação das mulheres a um modelo masculino universalizado, que correspondeu a uma certa negação da existência das mulheres. Posteriormente equaciona-se o modo como a manutenção da divisão público-privado tem servido à subordinação das mulheres, com a entrada no mercado de trabalho e a continuação da assunção das tarefas domésticas e do cuidar. É neste terreno que, mais adiante, se faz a proposta fértil de uma reengenharia do tempo, amiga de mulheres e homens, que permita ultrapassar o desfasamento entre a estrutura social e o direito à felicidade das pessoas, à convivência e à qualidade de vida. Nesta era virtual, é para isso necessário rever a organização do mundo do trabalho em defesa do universo privado, em defesa da possibilidade de revalorização dos lugares da afectividade. Reivindica-se, para além disso, a necessidade de valorizar o que têm sido os contributos silenciosos das mulheres, no espaço privado, ao longo da história.

Palavras-chave reengenharia do tempo, felicidade, afectos, qualidade de vida, reconhecimento.

Penetrando o tempo: em transgressão

A visita a mais um centro de estudos sobre as mulheres é motivo de contentamento, pois os estudos sobre as mulheres estão na origem da minha formação e da minha carreira, da minha carreira intelectual e afectiva.

Os temas da mulher e das mulheres, a participação e a democracia são extremamente desafiadores porque reúnem três elementos que são, cada um deles, um desafio: a situação das mulheres hoje, a questão da participação e a da democracia.

O que me fascina na democracia é exactamente a sua natureza inacabada. Ela é um processo de permanente aflorar e nascer de direitos, de demandas. Cada vez que pensamos que se está a chegar a um aperfeiçoamento democrático, surge a

1 Texto adaptado da Conferência proferida por Rosiska Darcy de Oliveira no V Encontro da APEM, em 28 e 29 de Janeiro de 2005, na FPCEUP. Esta conferência foi sustentada na argumentação da autora, apresentada na obra «Reengenharia do Tempo», publicada em 2003, no Rio de Janeiro, pela Editora Rocco.

luz sobre alguma zona de sombra, algo que ainda não tinha sido percebido como necessidade social. E essa é a natureza da história também. Nesse sentido, a participação democrática é um processo, é alguma coisa que se desenrola no tempo, ao sabor das transformações que vão ocorrendo na sociedade.

É curioso que quando uma geração, que foi justamente a minha, lutou mais agudamente pela participação das mulheres, levantando a participação das mulheres nos processos de decisão social como uma questão democrática, nós enfocávamos essa participação fundamentalmente como uma questão de conquista de espaço. Chamávamos a atenção para a nossa exclusão dos lugares de saber e de poder e construímos uma estratégia de luta com esse enfoque: a conquista dos lugares de saber e de poder.

Passados trinta e poucos anos, desde os anos 70, e sem demérito de toda a luta feminista que nos precedeu, considero que a minha geração recriou o feminismo. Passados esses trinta anos, explode com muita clareza para nós que, para além da luta pelos espaços, o nó que precisa de ser desatado é o nó do tempo. Daí o título que dei ao meu último livro, sobre o qual vou falar aqui: «A Reengenharia do Tempo». Situo no tempo, no uso do tempo, o maior obstáculo, hoje, para a participação das mulheres na democracia.

Creio que a origem desse problema está naquilo que chamo a «igualdade capenga», para referir uma igualdade um pouco manca, uma «igualdade desequilibrada» que nasceu de um grande mal entendido: a maneira como esta foi negociada e como foi entendido o conceito de igualdade, negociado justamente pela minha geração.

Nos anos 70 falávamos do lugar da transgressão, e quem transgride fica devendo, e era essa a nossa situação. Estávamos «pedindo» alguma coisa à qual, supostamente, não tínhamos direito. Estávamos transgredindo uma lei não escrita e, algumas vezes, escrita com muita clareza, que nos interditava esses lugares do saber e do poder.

Assim, quem transgride fica numa posição de fragilidade. Quem concede, faz exigências. E, por isso mesmo, a entrada das mulheres «no mundo dos homens» foi marcada por uma série de concessões da nossa parte, que poderiam ser, um pouco, traduzidas na seguinte imagem: naqueles anos, quando uma mulher se apresentava no mercado de trabalho, dizia quase com todas as letras, e se não dizia deixava implícito: «Me deixa entrar que você vai perceber que eu sou exactamente como um homem. Eu não vou decepcionar em nada. E eu não vou trazer para cá nenhum problema. Eu serei exactamente como um homem qualquer». E, em casa, dizia o contrário: «Me deixa sair (porque naquela época se dizia me deixa sair) porque nada aqui vai mudar, tudo aqui vai ficar exactamente como antes». Em consequência, a mensagem ambígua que a sociedade passou a emitir para as mulheres foi: transforme-se num homem e continue sendo mulher. Essa mensagem ambígua deu origem ao título do meu primeiro livro, o «Feminino Ambíguo», onde eu estudava esse perfil que correspondia a essa *double bind*, a esta mensagem dupla e contraditória.

Ora, toda a clínica psiquiátrica mostra que a origem da esquizofrenia é sempre a exposição humana a uma dupla mensagem. Foram-se construindo personalidades «esquizofrenizadas» ao longo desses anos, submetidas a essas duplas mensagens.

Negando a existência das mulheres: uma definição manca da igualdade

Na verdade, o que estava por trás disso era uma definição manca da igualdade. Parece que não se olhou a igualdade entre mulheres e homens como se olhou a questão dos direitos sociais mas sim como uma igualdade com os homens. Quer dizer, transformando os homens num parâmetro ao qual as mulheres deveriam ascender. Não se tratava de admitir que o mundo era feito de homens e de mulheres. E eu considero que a grande descoberta do século vinte, mais do que qualquer outra, foi a de que o mundo é feito de homens e de mulheres. Na verdade, as mulheres foram descobertas no século XX. Até então, elas não eram mais do que o avesso dos homens, ou o seu contrário, e não cidadãs em si.

Uma teorização de Freud, presente numa das suas conferências sobre psicanálise², ilustra magnificamente essa concepção. Aí se diz que as mulheres não inventaram nada, não tiveram nenhuma contribuição, na verdade, teriam apenas inventado a tecelagem que não era senão uma manifestação, uma extrapolação psíquica dos cruzamentos dos pêlos púbicos que escondiam a sua horrível deformação. Foi essa horrível deformação que se vendeu à teoria, à ciência e à sociedade como sendo as mulheres. As mulheres não eram, senão, uma horrível deformação, um homem com defeito de fabricação, um homem que saiu errado, um homem castrado que elas então tentavam corrigir.

As concepções dessa época permitiram todo o tipo de discriminação, todo o tipo de equívoco sobre as mulheres e data desse período uma volta por cima, em que as mulheres começam, pela primeira vez, a falar na primeira pessoa. Começaram a definir-se, recusando em todos os níveis, inclusive na ciência, as definições que tinham sido feitas sobre elas. Há aí uma assunção de palavra importante, onde se situam os estudos sobre as mulheres. Estes têm uma importância fundamental ao permitirem falar na primeira pessoa, atravessando os territórios do feminino, trabalhando sobre os territórios do feminino, descobrindo esse mundo inexplorado. Estou a falar de há muito pouco tempo atrás, estou a falar historicamente de 30 a 40 anos, o que não é nada.

A negação da existência das mulheres pode ser também metaforizada pela lenda de Adão e Eva, que é o único caso em que se admite que uma mulher nasceu de um homem e não o contrário, já que a evidência mostra que os homens é que nascem das mulheres.

2 A autora refere-se a uma das conferências patentes na obra de Sigmund Freud, publicada em 1962, *Nouvelles Conférences sur la Psychanalyse*, pela Editora Gallimard.

Nessa lenda de Adão e Eva, as mulheres nascem dos homens, de um homem, e isso atravessa toda a história. Todas essas inversões míticas foram criando um clima cultural que fez com que as mulheres acabassem por se tornar numa espécie de Midas ao contrário. Quer dizer, tudo o que tocam não existe, é nada. Tudo aquilo que as mulheres fazem e são passa a ter uma negação permanente. O mais grave em tudo isso foi que esse sentimento, essa negação das mulheres, permitiu a ocultação do privado.

Esse ponto é essencial e gostaria de o trabalhar. Quando foi que essa negação permitiu a negociação errada que nós fizemos? Ou seja, entrarmos no mundo dizendo acerca do privado «aqui nada mudou». Tudo mudou e nada mudou. Nós entendemos o mundo, o mundo dos homens, o espaço público. Entendemo-lo como se o espaço privado não existisse. Ora, não só ele existe como é fundamentalmente consumidor de tempo, de energias afectivas... E é uma realidade sem a qual o próprio espaço público não tem existência possível.

Para além da dupla jornada: a implicação entre público e privado

A implicação entre espaço público/espaço privado precisa de ser trabalhada e foi, de certa maneira, trabalhada em três etapas diferentes. Numa primeira etapa, quando as mulheres tentaram ocultar o privado e fazer com que este não pesasse na balança, fomos absolutamente cúmplices nessa ocultação, já que nós mesmas propusemos esses termos. Essa primeira fase durou 20 anos, o tempo necessário para que se chegasse a um esgotamento, esgotamento no sentido físico, um esgotamento tal que o espaço privado gritou: Eu existo! E eu existo, sou consumidor, sou cansativo! Enfim, apresento uma série de problemas. Ao cabo de 20 anos começaram as reivindicações das mulheres voltadas para os homens. Voltadas para companheiros, maridos... no sentido da divisão de tarefas, no sentido de discutir o problema do espaço privado.

A demanda das mulheres, nessa segunda fase, voltada para os homens, teve como consequência um enorme desencontro. Foi uma fonte muito grande de conflitos, de que nasceu a expressão «dupla jornada». Trata-se de uma expressão incorrecta porque a «dupla jornada» se refere a duas jornadas de trabalho e, embora a vida privada represente trabalho, ela é muito mais do que isso. Não se lhe pode aplicar um conceito que é de ordem económica clara, que é o conceito de trabalho, o qual não cabe numa realidade que é infinitamente mais complexa. Então, essa teoria da dupla jornada implicou-se noutras teorias também erradas, como, por exemplo, o salário doméstico e tudo aquilo que seguia a pista económica, quando o que estava em questão era algo muito mais amplo do que simplesmente a economia.

Hoje, temos condições de identificar, de perceber onde é que a coisa derrapou, onde é que saiu dos eixos, e onde se encontra realmente o problema. Foi

muito fácil para as estruturas construídas da sociedade devolver essa questão da vida privada à intimidade dos casais: «Isso é um problema que vocês devem resolver entre vocês». Empresas e governos mantiveram-se fora desse debate, dizendo: «Isso é uma questão privada, isso é uma questão de como organizam a vida privada, como é que fazem caber em 24 horas duas vidas, onde dantes só havia uma. Essa é uma questão privada com que nós não temos nada a ver».

Ora, essa é inversamente uma questão pública e esse é um problema. A questão é que nós precisamos de uma *reengenharia do tempo*.

Construindo a Reengenharia do Tempo

E o que significa uma *reengenharia do tempo*? Significa, em primeiro lugar, que um problema só encontra solução quando é identificado como tal. Então, o ponto de partida é a identificação de que aí existe um problema social. Não é um problema de uma família, de um casal, é um problema da sociedade como um todo. Isto significa que a ocultação do privado permitiu que se construísse um modelo social em que homens e mulheres estão hoje absorvidos a tempo integral, com exigências desse tipo pesando sobre eles, não restando tempo para tudo aquilo que o privado tem vindo a representar.

Há, indiscutivelmente, um prejuízo social em tudo isso e um prejuízo afectivo também, sobretudo se considerarmos que o afectivo faz parte do social, que o social não é uma abstracção mas o conjunto da vida afectiva das e dos cidadãos.

Neste momento pergunta-se: como foi possível ocultar de tal maneira esse factor tão essencial na vida das pessoas? É possível mudar?

É possível, hoje, pensar em pistas que nos levem a outro tipo de organização de vida para todos, repito: homens e mulheres. Não se trata de pensar em meio termo para as mulheres, soluções para as mulheres. É possível pensar em soluções para homens e mulheres que nos introduzam numa outra organização existencial? Essa também é a pergunta a ser tratada, e que procuro tratar, dentro desse conceito de reengenharia do tempo, respondendo positivamente.

Estamos a viver um imenso desfasamento. Estamos a viver, de novo, um grande desfasamento entre as potencialidades de uma sociedade e o uso que ela faz delas. Temos hoje, na maior parte do mundo, talvez com excepção de alguns países nórdicos como a Holanda, uma organização do mundo do trabalho praticamente tributária ou ainda tributária de uma concepção da era mecânica. Nessa concepção, a jornada de trabalho é lugar de trabalho fixo, com contramestre, ou seja, alguém vigia para ver se você está a fazer direitinho o seu trabalho. Essas concepções, modernizadas ou não, continuam presentes na organização do mundo do trabalho ainda hoje, como, por exemplo, a jornada de 8 horas que vigora no meu país. No Brasil e em toda a América Latina vigora a jornada de trabalho de 8 horas, uma conquista de operários exaustos, no começo do século

passado. Exaustos, do corpo a corpo com a máquina, quer dizer de um trabalho manual.

Espaços e tempos de uma era virtual

Estamos a viver numa era virtual. Estamos, hoje, num mundo de tecnologias virtuais que permite, pelo menos, imaginar uma utilização tecnológica que já não se mede pela presença física e o uso físico mas, muito mais, pela qualidade do tempo usado. Na verdade, se olharmos de perto o tipo de produção moderna, para onde vai a produção, vemos que hoje o factor determinante de qualquer produção é o conhecimento e não a força física. É a invenção, e a invenção não se mede em minutos. Uma invenção não se mede em horas, os critérios são totalmente outros. Noutras palavras, é possível, e necessário, rever a organização do mundo do trabalho de maneira a proceder a uma reengenharia do tempo em defesa do universo privado, em defesa da possibilidade de dispor de um tempo privado que seja uma revalorização dos lugares da afectividade. Isto é fundamental e tanto mais necessário quanto é impensável qualquer retrocesso em relação à presença das mulheres no mercado de trabalho.

Se na minha geração o que impulsionou as mulheres, pelo menos as intelectuais de classe média alta, a entrarem, de qualquer maneira, no mercado de trabalho, se não foi a necessidade financeira, foi a necessidade de identidade, de construção de identidade.

Hoje, no mundo inteiro, é absolutamente provado que a participação das mulheres no mercado de trabalho se dá porque a figura do provedor, do homem provedor, desapareceu da economia, completamente. Se falarmos a um jovem de 20 anos na palavra provedor, ele pensa num serviço virtual. O provedor da Internet, como se diz no Brasil. Ninguém pensa num homem sozinho sustentando uma casa. Isso são coisas que se tornaram completamente anacrónicas, ficaram para trás.

Somos confrontados com esse momento do mundo em que homens e mulheres, no mundo inteiro, são trabalhadores. Homens e mulheres continuam tendo filhos pequenos, pais idosos, pessoas doentes que precisam de acompanhamento, que demandam atenção. De onde sai o tempo para essas pessoas? Tudo aquilo que foi, a vida toda, tarefa das mulheres, que foi, a vida inteira, o sustentáculo afectivo, para quem passou? Em que mãos está? Não está ou está mal, com consequências que são visíveis, nos desencontros da sociedade, nos descaminhos trilhados a cada dia pela juventude e pelos adultos também. Esse mal estar, essa nova versão do mal estar na civilização, para usar uma expressão do livro de Freud também, é esse conjunto de desencontros afectivos que provém, indiscutivelmente, de uma falta de lugar. Vou usar uma expressão contraditória: de um lugar temporal, quer dizer de um lugar temporal para que essa assistência amorosa seja possível entre as pessoas, e mútua, entre homens e mulheres.

O tempo: uma reivindicação de homens e de mulheres

Essa questão do tempo não tem representado um grande obstáculo só para as mulheres. Superá-lo significa uma reivindicação dos homens também, e não apenas das mulheres. Isso é uma novidade, um novo momento no avanço do que nós chamamos, no jargão³: as questões de género. Por trás de todo esse debate está um problema muito mais central e muito mais profundo. O que está em debate, por trás da questão da reengenharia do tempo, é o sentido da vida. É isso o que quero colocar em discussão definitivamente, essa proposta de futuro em que a felicidade dos indivíduos venha associada exclusivamente com a equação produção/consumo. Não creio que estejamos a colher frutos dessa associação e creio que há muitas vidas possíveis. Há outras vidas possíveis e essas merecem ser, pelo menos, experimentadas.

Num texto do meu livro «Reengenharia do Tempo», menciono o artigo de um jornalista que me tocou imensamente, um jornalista francês que escreveu depois do 11 de Setembro. Este chama a atenção para o facto de as pessoas que estavam dentro dos aviões que entraram nas torres gémeas, que perceberam que iam morrer e que tinham celulares, telefonarem para as pessoas amadas, queridas, para dizer «eu te amo», para se despedir. Ninguém ligou ao banco para saber qual era a posição da sua conta. Ninguém fez isso! Isto mostra como a gente vive de uma maneira desfocada daquilo que é de facto essencial na existência humana. Ele tem razão ao chamar a atenção sobre isto e eu procurei difundir esse artigo, que saiu numa revista em França⁴.

Temos que recentrar o debate naquilo que é fulcral na existência humana e, a partir daí, perguntarmo-nos se isso é essencial. Se as relações amorosas, se as relações afectivas são centrais na existência humana, porque não há tempo para elas? Porque é que tudo passa à frente delas? Porque é que todas as exigências de trabalho, de salário, de consumo, passam à frente dessas exigências? Não será isso uma imensa derrota ideológica? Não será isso simplesmente um descaminho que estamos atravessando? Particularmente, creio que sim e que existe a possibilidade do que chamo «vidas pioneiras» pois as minorias têm um impacto importante no redireccionamento das sociedades.

Desistir da utopia... essa é a derrota ideológica! A derrota ideológica começa quando alguém diz: isso não é possível!

Uso a palavra *utopia* no sentido proposto por Ernest Bloch: aquilo que deveria ser feito e não está sendo, e não no sentido vulgar da palavra *utopia*: o que não pode existir.

As vidas pioneiras, ainda que minoritárias, são aquelas que pela sua coerência interna, pela sua maneira de existir, de se apresentar, obrigam de certa forma

3 Campo semântico.

4 Referência ao artigo de Patrick Viveret, publicado em França aquando do atentado ao World Trade Center e ao Pentágono, citado na obra «Reengenharia do Tempo», pp. 127-128.

uma maioria a reflectir, a entender que ela, a maioria, não é a única versão possível da vida humana e que existem outras versões possíveis. E é essa minoria, que procura atribuir um novo sentido à existência, propondo-o à maioria. Independentemente da vitória, ou não, da proposta de uma minoria, resta que ela experimente para si, pelo menos, uma nova arte de viver. Estou pondo em debate um tema que, não sei porquê, ficou extremamente fora de moda, uma coisa muito simples: a questão da felicidade.

Convivência: tempo e lugar

Em se tratando desse debate, quem são os interlocutores? Historicamente, este nasceu dentro do movimento de mulheres mas que buscou interlocutores. E como primeiro campo de interlocutores, os empregadores. Quando se mexe no tempo, tem-se diante de nós as pessoas com quem se trabalha. Hoje temos exemplos de países onde a questão do tempo foi repensada na perspectiva que proponho, por exemplo a Suécia, onde se levou em conta e se fez legislação de protecção do tempo privado, da vida privada. Há também alguns espaços de debate sobre isso, menores, muito menores e numa perspectiva diferente, nos Estados Unidos, porque a concepção da empresa americana é: «Tempo é dinheiro!».

Há uma pesquisa importante sobre a empresa americana, que também cito no meu livro, que identificou, com toda a clareza, a família como o maior inimigo da empresa. Escreveu isso com todas as letras: o grande inimigo da empresa é, não uma outra empresa, não a concorrência do mundo globalizado, é a família. O ideal do funcionário, do bom funcionário, é não ter relações afectivas, não ter filhos, portanto, poder ser localizado a qualquer momento, dormir pouco, porque num mundo globalizado, a economia funciona 24 horas por dia, no fuso horário. Quem dorme está realmente atrapalhando negócios!

A *reengenharia* é uma linha de pensamento, dentro dos próprios Estados Unidos. Por exemplo, há hospitais públicos americanos que introduziram uma reengenharia do tempo. Não é uma empresa, é o governo, é o Estado, mas é já um reconhecimento da problemática. Na Suécia é o Estado e o governo, nos Estados Unidos foi apenas o governo.

No Brasil, abri essa questão num debate fascinante, na Federação das Indústrias do Rio de Janeiro, com a presença de um conjunto de 130 empresários, o que é uma representação razoável. O debate foi extremamente interessante porque, por um lado, surgiu, evidentemente, o ponto de vista da defesa da eficácia nos negócios e, por outro, o reconhecimento, impossível de evitar, de que existe aí um problema. A questão é saber se o que estou a propor fere definitivamente a produtividade. Digo que não e não digo isso sozinha.

O Centro de Estudos de Trabalho da Universidade de Harvard fez um estudo sobre essa questão para concluir que os empregados que «funcionam», os funcionários que estão com a cabeça centrada no que estão a fazer, no menor

tempo em que estão a trabalhar, mas que não estão ligados a uma problemática afectiva complexa, trabalham melhor, têm uma produtividade maior. Essa questão está sendo discutida, está sendo trabalhada, em vários lugares do mundo. Por detrás do debate das 35 horas de trabalho em França, a reengenharia do tempo está de maneira fantasmática, ela não está declarada. Por trás do debate em França a verdadeira discussão é: «Maior *performance* económica ou qualidade de vida?». Para essa discussão já há uma estrutura que não está vazia, que foi recentemente habitada. Há lugares de discussão já com algumas sementes, alguns pontos onde esta questão da reengenharia, da qualidade de vida, está sendo discutida.

Outro caso fascinante, não ligado ao mundo do trabalho, que comecei a acompanhar como questão a ser seguida: a experiência italiana do «Tempo das Cidades» que, novamente, tem origem no movimento das mulheres. Chamaram-se vários parceiros sociais: a prefeitura, os meios de comunicação, os órgãos públicos, para discutir uma reestruturação das cidades, em função do tempo das cidades, em função de melhor servir a vida dos indivíduos, para que as cidades não fiquem organizadas dentro da lógica da administração, mas antes dentro da lógica do bem estar da população, que é diferente.

Há exemplos simples do que isso significou no Tempo das Cidades: modificação dos horários dos transportes públicos, modificação das horas de abertura do comércio, modificação das horas dos serviços públicos, ou seja, as repartições públicas abrindo em horários intercalados de maneira que haja sempre a possibilidade de circular por elas. Há uma engenharia ou uma reengenharia do tempo das cidades e não apenas das empresas. Há 126 municipalidades italianas que têm uma secretaria do tempo. Isto é uma coisa extraordinária. Portanto, mais uma vez, percebemos que a reengenharia do tempo é uma construção que está sendo mobilada com dificuldade, recentemente mobilada, mas que não está vazia.

Afectos: qualidade de vida, tempo e lugar

Não nego que nos espaços públicos exista afectividade. A afectividade está em todos os lugares, está nos lugares de trabalho, está em tudo. Usei como exemplo a estrutura das relações privadas, que não são públicas, para dizer, do ponto de vista das relações privadas, que a ausência de tempo tem sido um complicador.

Na verdade, vivemos hoje uma mudança radical na estrutura da família. No Brasil, que é um país grande com uma grande população, a família: pai, mãe e filhos vivendo debaixo do mesmo tecto, representa hoje 15% das famílias. As outras são famílias desfeitas, reconstituídas, recriadas de várias maneiras, pessoas vivendo em casas separadas, o que é um dado impressionante. Essa mudança faz com que os espaços de convivência sejam muito móveis e isso exige que se pergunte: qual é o verdadeiro espaço de que se dispõe? É o tempo. É pre-

ciso ter tempo para as pessoas, já que você não tem esses espaços que são garantidos ou que foram um dia garantidos. Não estou a fazer a defesa da família tradicional, pelo contrário. Sei muito bem que ela esteve na origem de coisas terríveis, mas o lugar de convivência não é um lugar físico, é o tempo. Ele pode ser qualquer um, o lugar, mas o tempo tem que existir para a convivência. Nesse sentido é que estou a defender o privado.

No entanto, assisti no Brasil a uma eleição presidencial, que foi uma eleição duríssima, a eleição que levou Lula ao poder, em que tudo foi discutido, em que os sindicatos não levantaram, nunca, a questão da qualidade de vida. Como é possível essa questão passar despercebida? Hoje, felizmente, os sindicatos franceses estão a discutir essa questão com todas as letras, dizendo com clareza, que estão a discutir a questão do privado, da conciliação entre vida pública e vida privada. Nos sindicatos brasileiros, a questão do tempo está sendo, agora, introduzida.

Não tenho o medo que algumas pessoas têm de que isso seja um «empurrar as mulheres de volta para o privado». Primeiro, não gosto da ideia de construir um pensamento sobre o medo, pois fui de uma geração em que a esquerda construía sobre o medo do feminismo, dizia que era um movimento perigoso porque ia dividir a luta entre homens e mulheres. Passei por cima desse medo e toquei à frente aquilo que achava que era justo, aquilo que acreditava que deveria ser feito historicamente. Hoje, homens e mulheres têm um problema real que é a absorção completa da sua existência no ganhar a vida. A minha tradução do ganhar a vida, hoje, é trazer a vida de volta. Trazer a vida de volta nas suas dimensões mais amplas, que não seja apenas a do salário, já que homens e mulheres estão reduzidos à dimensão salarial. Isso é um problema extremamente complicado porque é uma maneira de encobrir exactamente a relação produção/consumo. É assim que se traduz.

Tempo: vida privada e produção de conhecimento

Quando se diz que, na prática, o que vai acontecer é que as mulheres vão voltar para casa, vão começar a tratar das coisas de casa, isso não é um facto. Entre outras coisas, porque esse tempo vai ser necessário para uma dimensão nova que surge e se articula com a sociedade do conhecimento. Estou a referir o facto da produção das verdades científicas, hoje, ser rápida demais.

Se for pensar no que aprendi na faculdade e no que existe hoje em termos de produção, percebo que não vivo com o que aprendi aí. Sou completamente analfabeta na sociedade em que estou vivendo, se ficar somente com os conhecimentos que adquiri na faculdade. A aceleração da produção do conhecimento vem sendo muito grande e por isso mesmo há uma necessidade permanente, há uma necessidade de formação contínua das pessoas. As mulheres tiveram uma luta insana para conseguir ganhar os espaços de conhecimento. Ou elas liberam

tempo para ter, para manter-se nessa esfera de conhecimento, onde estão os homens também, ou podem entrar numa ladeira vertical, começando a perder o que conseguiram.

Não temo a possibilidade de um regresso das mulheres para a vida privada, no sentido da submissão, porque a vida privada não é lavar roupa, passar roupa, fazer isso, fazer aquilo. Não é isso! Essa é uma visão extremamente redutora! Não temo isso, em hipótese alguma, até porque, como referi, a figura do provedor é uma figura morta.

As mulheres estão no mercado de trabalho, as mulheres têm um projecto político, as mulheres têm um projecto social, elas estão firmes e continuarão...

Formulo, pois, a oposição a uma ideologia que identifica qualidade de vida com salário. Não vejo que isso esgote a questão e retomo a pergunta sobre o salário: Como é que se trabalha menos e não se ganha menos, ou se ganha mais? Essas são as grandes negociações sociais. Essas são as questões que até agora ficaram na obscuridade. Essa foi a ocultação do privado, ocultar que o problema existe. Ora, na medida em que se reconhece que o problema existe, reconhece-se a função formadora do privado. O privado tem uma função pública. As pessoas não nascem do nada. As pessoas não se educam no nada. Existe um espaço onde elas são educadas, onde elas são formadas. Quem é responsável por isso?

Essa é a chamada contribuição gratuita da vida privada ao mundo público, que tem, forçosamente, que entrar na agenda política. Como? Em primeiro lugar: trabalhar menos tempo não é trabalhar menos. Se pendurar o seu casaco na cadeira e for tomar café, isso não significa que trabalhou oito horas por dia. A coisa não se mede em termos do tempo de presença. Isso é o que talvez precise de passar para a consciência pública. Trabalhar menos tempo com um determinado número de objectivos a alcançar, é um jeito diferente de trabalhar, em que se cumprem esses objectivos de uma maneira diferente.

O que é importante politicamente é diferenciar essa perspectiva, que é a da reengenharia do tempo e vai atrás da qualidade de vida, de melhores relações humanas, de uma determinada formulação do que deva ser uma civilização e de uma outra que flexibiliza também o tempo. Há empresas inglesas que fazem contratos de tempo zero, a pessoa não é contratada por tempo nenhum. Dão-lhe um telemóvel, e quando precisam dela chamam-na. Pode ser às duas da manhã, no casamento da filha, no enterro da avó, de quem for... Isso é o contrário do que eu estou propondo. A ideia de flexibilização que estou colocando é a que visa o bem estar do empregado e não da empresa. Essa é uma diferença fundamental. A óptica é diferente, como é diferente organizar o tempo de uma cidade porque se quer uma administração que funcione de uma maneira boa para a administração ou se quer uma administração que funcione para os cidadãos.

Os interesses têm que ser negociados numa mesa de negociações. Essa é a negociação política. A discussão sobre o salário acompanha. Por exemplo: a discussão não está no facto de simplesmente aumentar ou baixar o salário, mas a da redistribuição da riqueza produzida, o que já é um outro nível de discussão.

As maneiras como uma pessoa se organiza dentro de uma determinada célula de trabalho, como reorganiza o tempo, estão em função das necessidades das pessoas, dos recursos tecnológicos existentes e do reconhecimento, ou não, do objectivo de bem-estar. Trata-se de posturas políticas diferentes. Uma coisa é visar o sucesso da produção, a outra é visar o sucesso das pessoas. É a isso que estou chamando, com palavras simples, «bem-estar». Estes pontos de partida não precisam de ser necessariamente excludentes. São negociáveis. Uma vez que esta questão seja reconhecida como problema, uma vez que seja trazida para a agenda política, uma vez que se tenha clareza sobre qual o objectivo que se está perseguindo, a partir daí começa a negociação. E essa é a negociação política necessária. A reengenharia do tempo é, pois, um tema político, tem que entrar na agenda política, hoje!

O lugar do privado: outras dimensões de negociação

Todas as dimensões, a dimensão do lazer, a dimensão dos encontros, tudo isso faz parte da vida privada e não apenas o trabalho doméstico, que está presente também, mas não é dominante.

Quando os primeiros grupos de mulheres disseram: «As mulheres estão excluídas dos lugares do poder e do saber», foi uma perplexidade total! Mas como? Fazia parte da natureza das coisas que nós fôssemos excluídas. Fazia parte da natureza das coisas. Era natural, era normal! Esses primeiros grupos eram um bando de desajustadas que queriam tirar a ordem natural do mundo, de um mundo que estava tão bem organizado.

Hoje, estamos a viver uma situação parecida. O mundo está bem organizado, as empresas produzem, têm sucesso, pagam os salários que querem, quanto querem, fazem trabalhar o tempo que querem – quando querem tempo zero, oferecem tempo zero – e a reengenharia do tempo vem complicar. Pôr um pouco de areia na engrenagem!

As formas de negociação têm que amadurecer, e aí vão no sentido de saber como se vai mobilar a casa, com cuidado para que isso não vire um pretexto para as mulheres irem para casa. A partir daí, essas questões entraram na agenda política. Esse é o ponto essencial: entrar na agenda política!

Na Universidade de São Paulo havia um grupo de pesquisadoras, feministas de formação, que estavam pesquisando o desemprego na cidade de São Paulo. Forneceram todos os dados sobre o desemprego na cidade de São Paulo e eu perguntei, por curiosidade: e nesse tempo de desemprego, esses homens desempregados têm uma actividade doméstica? Quer dizer, trabalham em casa, levam os filhos ao colégio, fazem o que as mulheres fazem quando eles estão empregados? Extraordinariamente, recebi a resposta: Nós não perguntamos!

Eram pesquisadoras mulheres, do mundo de estudos sobre as mulheres, que estavam fazendo uma pesquisa sobre emprego e nem para elas essa questão

era transparente. Isto mostra até que ponto o privado, relacionado com os homens, ainda está oculto. O debate da reengenharia do tempo é, fundamentalmente, um esforço para desocultar esse peso do privado, não para as mulheres, de que todo o mundo já falou, mas para os homens. Essa é a questão política que há que colocar.

A revista francesa *Autrement* fez uma pesquisa com jovens do sexo masculino que estavam a chegar ao primeiro emprego. Perguntou-se qual era a principal qualidade que procuravam nesse emprego e a resposta foi: «Tempo livre!». É interessante porque não foi «um óptimo salário», que poderia ter sido a resposta – todo o mundo diz que a juventude é tão consumista. Poderiam ter dito um óptimo salário mas quiseram tempo livre, que é tempo para si. O que farão com esse tempo é uma outra história, mas é um direito de cada um, sobretudo quando se é jovem. De qualquer maneira, esta resposta situa-se fora de uma ideologia que parece ser dominante.

Uma reengenharia da mudança

As coisas têm vindo a mudar e têm vindo a mudar bastante. O que falta, e por isso dei o exemplo das pesquisadoras de São Paulo, é também uma linha que estructure e direcione nesse sentido. Einstein tinha uma frase maravilhosa, dizia: «A teoria só encontra o que procura, o que não procura, não vê». Pode estar aqui ao seu lado, se não estiver dentro do seu objecto, você não vê o que está acontecendo. Nós, por exemplo, dos estudos sobre as mulheres, temos determinados objectos, tratamos determinados objectos, mas talvez estejam acontecendo coisas que não vemos. Talvez seja necessário alargar os objectos de pesquisa, buscar por exemplo o que pensam disso.

Posso partilhar um dado que não é de pesquisa mas da experiência empírica. Tenho feito, dentro e fora do Brasil, várias conferências sobre este livro e a reacção dos homens na plateia é surpreendente. Há uma adesão que não esperava de homens, de jovens, sobretudo os que estão a entrar no mercado de trabalho, e que sentem a questão do tempo de uma maneira dramática, que vivem exactamente duas vidas: jovens, homens e mulheres que têm filhos pequenos que vivem prensados dentro de 24 horas, com o problema do sustento da casa. Essa não é uma pesquisa de carácter universitário, é uma impressão que recolho da opinião pública. Como já estou, há alguns anos, tratando das questões de género e falando em público, sinto uma mudança evidente na reacção da plateia. Há uma grande distância do tempo em que não podíamos falar numa plateia em que estivessem homens sem ser insultadas, pessoalmente insultadas. Há uma diferença imensa na interlocução que se encontra hoje. Estamos, felizmente, a entrar numa outra fase da cultura, da cultura mesmo, em que isso se torna compatível. As definições de feminino e masculino têm evoluído bastante, o que são boas alvíssaras.

Um projecto civilizatório: mulheres, reconhecimento, natureza e cultura

A questão das mulheres, a questão das classes sociais, é um debate que se vem fazendo há algum tempo. Sempre me surpreendeu muito a tendência para a exclusão. Uma coisa excluía a outra ou teria prioridade sobre a outra. Não tem que ser assim. As pessoas têm um projecto – pelo menos eu tenho – um projecto de civilização.

Nesse projecto de civilização, evidentemente, as gigantescas desigualdades sociais que existem hoje são o caminho da barbárie. Portanto, trabalhar a questão dessas desigualdades é fundamental. Quem está hoje nas linhas de montagem, estará ainda por um tempo, algumas gerações estarão, outras já não estarão. Isto não quer dizer que as desigualdades não se recriarão num outro sentido. Recriar-se-ão também, e é contra isso que é necessário estar atento para enfrentar as novas faces com que elas, certamente, se vão vestir. Essa é uma questão democrática e de como se defendem os direitos democráticos. Suponho, e insisto que o tempo é um inferno na vida de muitas pessoas. Isso vale para quem está numa linha de montagem, isso vale para uma mulher de favela no Rio de Janeiro, isso vale para qualquer um. Quanto mais baixo se está na escala social, mais o tempo é um desespero na sua vida. Pior do que isso, a pessoa tem, por causa disso, menor possibilidade de mudar de posição, de requalificação, de uma outra formação. Pior, e mais grave ainda, o não reconhecimento da contribuição que se está a dar ao universo público.

Ao longo da minha vida, li pelo menos quatro histórias da civilização. Em nenhuma delas encontrei uma única palavra relativa ao trabalho civilizatório que é uma mulher pegar num bicho, que acabou de nascer, e transformá-lo num ser humano. Quando a mãe o entrega à escola, este já virou um ser humano. Se ninguém intervier ao nascer, crescem-lhe as unhas e os cabelos e cresce um animal selvagem. Então alguém transforma um bicho num ser humano. Essa transformação de natureza e cultura é o que define o acto civilizatório. Quatro histórias da civilização e nenhuma reconheceu isso. Vendeu-se universalmente a ideia da ausência das mulheres. O que a civilização deve às mulheres é, nada mais nada menos, do que a humanidade em todos nós. Nada mais, nada menos do que isso, mas isso nunca contou.

Esses seres humanos foram formados sempre pelas mulheres, e hoje estamos a dizer que o devem ser por homens e mulheres. Mas essa transformação, essa humanização das pessoas na pequena infância e posteriormente tudo aquilo que é a educação (não a instrução dada pela escola), é a educação que foi dada pelos seres amados próximos. Quem quer que seja, o pai, a mãe, o padrasto, a madrasta, o companheiro da mãe, o avô, a avó... quem quer que constitua hoje essa família. Há várias famílias, mas a relação afectiva que, no meu entender, constitui o que há de melhor nos seres humanos, não pode estar ausente. Este é um aspecto que me preocupa e que levanto no meu livro. Sinto uma tendência de desqualificação dessa necessidade de construir as pessoas.

Construir uma criança, investir na formação de um jovem, nada disso é um discurso do passado. É claro que há instituições que representam o seu papel na sociedade e que o procuram fazer, da melhor maneira possível, mas não se pode transferir para as instituições todas as funções que são construídas na esfera íntima, que não é a esfera institucional. Essa supressão da esfera íntima é cada vez maior quando a utilização do tempo é toda ela investida em ganhar dinheiro. Isso é muito problemático.

Partilho convosco a convicção de que as mulheres têm dado uma imensa contribuição e de que estamos num momento civilizatório muito complexo. Há fortes chances, uma grande ameaça de barbárie. De barbárie no pior sentido da palavra, que é exactamente a supressão de tudo aquilo que é humano. Essa é uma ameaça importante e o debate que desenvolvo acerca da reengenharia do tempo insere-se no esforço que venho fazendo, como minoria, e propondo ao debate das maiorias, da ideia de que existe uma arte de viver, de que existe uma outra vida possível e, repito, que a felicidade é o tema central e o que deve ser percebido.

Abstract

Reengineering time

In this text, women's pathways towards knowledge and power are analysed taking in account feminist contributions. The nature of equality is evaluated taking as standpoint the idea that it has been related to an attempt to integrating women in a universalised male model, denying women's existence, some how. Afterwards, the way the public private division has contributed to women's subordination is also examined, as their entrance in the work market has lead to an overload of work due to their continued assumption of domestic activities and care. It is in this foreground that a fertile proposal of reengineering time in a women and men's friendly way is argued for in order to overcome the clash between social structures and peoples' rights to happiness, conviviality and life quality. Within this virtual era, there is need to revise the organization of the work market in order to defend the private universe and the possibility to revalue the places of affectivity. A vindication of the need to give value to women's silent contributions in the private world throughout history comes as a conclusion.

Key words reengineering time, happiness, affection, life quality, recognition.

Résumé

La reingénierie du temps

Dans ce texte, les parcours d'entrée des femmes dans les places de savoir et pouvoir sont analysés, en considérant quelques contributions des féministes. Ensuite, la nature de l'égalité est évaluée, et on allègue que, pendant beaucoup de temps, elle a été une essai d'adéquation des femmes a un modèle masculin universalisé, qui correspond a une certaine négation de l'existence des femmes. Ultérieurement, on s'égalé la façon dont la manutention de la division public-privée a favorisée la subordination des femmes, avec l'entrée dans le marché de travail e la continuation des travaux domestiques. C'est dans ce

terrain que, ensuite, on fait la propose d'une reingénierie du temps, amie d'hommes et femmes, qui permet dépasser la déphasage entre la structure sociale et le droit a la bonheur, a la intimité et a la qualité de vie. Dans l'ère virtuelle on doit repenser l'organisation du travail en défense de l'univers privé et de la possibilité de revalorisation des places de l'affectivité. On réclame, plus, la nécessité de valoir les contributions silencieuse des femmes, dans l'espace privé, au cours de l'histoire.

Mots-clés reingénierie du temps, bonheur, affects, qualité de vie, reconnaissance.

Rosiska Darcy de Oliveira é feminista há mais de 30 anos. É carioca, escritora e conferencista de renome internacional. É fundadora e professora do Departamento de Estudos da Mulher da Universidade de Genebra. Professora do Departamento de Letras da PUC – Rio. Fundadora e Directora-Executiva do Instituto de Acção Cultural (IDAC).

Coordenadora de programas e projectos nas áreas de mulher, cidadania, participação política, educação, saúde e direitos reprodutivos e coordenadora de pesquisas e projectos sobre os direitos das mulheres.

Artigo recebido em Fevereiro de 2005 e aceite para publicação em Junho de 2005.